

*Local: Uma Maternidade e zonas circundantes*

PRIMEIRA VOZ:

Possuo a lentidão do mundo. Espero pacientemente  
Que o meu tempo se escoe, o sol e as estrelas observando-  
-me atentamente.

A preocupação da lua é mais íntima:

Passa e volta a passar luminosa como uma enfermeira.  
Será que lamenta o que está prestes a acontecer? Não me  
parece.

É apenas o espanto perante a fertilidade.

Quando eu sair daqui, serei um acontecimento notável.

Não vale a pena preocupar-me ou sequer ensaiar.

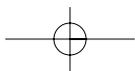
O que me está a acontecer, seguirá o seu curso naturalmente.

O faisão está de pé na montanha;

Exibe as suas penas castanhas.

Não posso deixar de sorrir ao pensar no que sei.

As folhas e as pétalas esperam-me. Estou pronta.



## SEGUNDA VOZ:

Quando a vi pela primeira vez, aquela pequena mancha  
avermelhada, não queria crer nos meus olhos.  
Observei os homens que andavam à minha volta no  
escritório. Como eram vazios!  
Pareciam figuras de papelão, e de repente eu senti-me  
contaminada,  
Esse imenso, imenso vazio de onde desfilam ideias,  
destruições,  
«Bulldozers», guilhotinas, câmaras lívidas de horror,  
Desfilando infinitamente — e os anjos gélidos, as abstrações.  
Sentei-me à secretária com as minhas meias de seda, os  
meus sapatos de salto alto,

E o homem para quem trabalho riu-se: «Viu algum fantasma?  
De repente ficou tão branca.» E eu não disse nada.  
Vi a morte nas árvores desfolhadas, o vazio total.  
Não podia crer nos meus olhos. Será assim tão difícil  
Ao espírito conceber um rosto, uma boca?  
As letras têm origem nestas teclas pretas e estas teclas  
pretas têm origem  
Nos meus dedos alfabéticos, os elementos que sustentam a  
ordem,

Elementos, pedaços, coágulos, múltiplos luminosos.  
Sinto-me morrer aqui sentada. Perco a dimensão de mim.  
Combóios zunem nos meus ouvidos, partidas, partidas!  
O caminho prateado do tempo desvanece-se no longe.  
O céu branco esvazia a sua promessa, como uma taça.  
Estes são os meus pés, os meus ecos mecânicos,  
Toc, toc, toc, pegadas de aço. Dão pela minha falta.

Esta é uma doença que eu trago para casa, é uma morte.  
Repito, é uma morte. Será do ar,  
Das partículas de destruição que sorvo? Serei um pulso que  
Aos poucos vai desfalecendo ao aproximar-se o anjo gélido?  
Será então este o meu amante? Esta morte, esta morte?  
Em criança afeiçoei-me a um nome, corroído pelo líquen  
Será então este o meu pecado, este cego amor pela morte?

TERCEIRA VOZ:

Lembro-me do minuto em que tive a certeza.  
Os salgueiros estavam gélidos,  
A face no lago era bela, mas não era a minha —  
Tinha um ar de circunstância, como tudo o resto,  
E em todo o lado eu via perigos: pombas e palavras,  
Estrelas e chuvas douradas — concepções, concepções!  
Lembro-me de uma asa branca e fria

E de um enorme cisne, de olhar aterrador,  
Vindo em direcção a mim, como uma torre, do cimo do rio.  
Em todo o cisne há uma serpente.  
Ele deslizou junto de mim; tinha um olhar carregado de  
ameaças.  
Vi nele o mundo — pequeno, mesquinho, ameaçador,  
A mais pequena palavra dependente da mais pequena  
palavra, o gesto do gesto.  
Um dia quente e azul que tinha brotado.

Eu não estava preparada. As núvens brancas que se formavam  
Arrastavam-me em todas as direcções.  
Eu não estava preparada.  
Não sentia qualquer fervor.

Pensava que podia negar as consequências —  
Mas era demasiado tarde para isso. Era demasiado tarde e  
a face  
Ía ternamente tomando forma, como se eu estivesse preparada.

SEGUNDA VOZ:

O mundo está coberto de neve agora. Não estou em casa.  
Como são alvos estes lençóis. As faces não têm expressão.  
São atrevidas e insuportáveis como as faces dos meus  
filhos,  
Esses pequenos irritantes que me escapam dos braços.  
As outras crianças não me tocam: são terríveis.  
Têm demasiada cor, demasiada vida. Não ficam quietas,  
Quietas como este vazio que carrego dentro de mim.

Tive várias oportunidades. Tentei vezes sem conta.  
Cosi a vida dentro de mim como um órgão precioso,  
E caminhei precária e cautelosamente como se fosse etérea.  
Tentei não pensar demais. Tentei ser natural.  
Tentei ser cega no amor, como outras mulheres,  
Cega na minha cama, com o meu cego amante,  
Sem procurar, na espessa escuridão, a outra face.

Não a procurei. Mas ela estava aí,  
A face do que não tinha nascido e amava as suas perfeições,  
A face do que jazia morto e que só encontraria a perfeição  
Na sua tranquila paz, só assim se manteria sagrado.  
E havia também outras faces. As faces das nações,  
Dos governos, parlamentos, sociedades,  
Os rostos sem vida dos homens importantes.

São estes os homens que não suportam:  
Têm tanta inveja de tudo aquilo que não é raso! São deuses  
invejosos  
Que gostariam que o mundo inteiro fosse raso, porque eles  
o são.  
Vejo o Pai a conversar com o Filho.  
Tal displicência não pode senão ser sagrada.  
«Vamos fazer um céu», dizem.  
«Vamos arrasar tudo e sacudir a espessura destas almas».

PRIMEIRA VOZ:

Estou calma. Estou calma. A calma que se sente antes  
duma catástrofe:  
O minuto gélido antes do vento entrar, quando as folhas se  
reviram  
E mostram a sua palidez. Está tudo tão calmo aqui.  
Os lençóis, as faces lívidas e mudas, como relógios.  
Vozes que se afastam e esmorecem ao longe. Os seus  
hieróglifos  
Transformam-se em biombos de pergaminho lutando contra  
o vento.  
Os segredos que se pintam em árabe e chinês!

Estou muda e escura. Sou uma semente prestes a explodir.  
A escuridão vem do meu eu morto e é taciturna:  
Não deseja ser mais, ou diferente.  
O crepúsculo cobre-me de azul, agora, qual Maria.  
Ó cor da distância e do esquecimento! —  
Quando virá o momento em que o Tempo pare  
E a eternidade o devore, e eu me afogue irremediavelmente?